

A ARTE ITALIANA NO MUSEU DAS JANELAS VERDES

O Museu de Lisboa, longe de ter o mínimo que seria necessário para ilustrar, em tôdas as suas escolas e modalidades, a nobilíssima arte da Itália, guarda, entretanto, obras importantes que, expostas um dia na sua totalidade e em salas a elas exclusivamente destinadas, são exemplos elucidativos da qualidade da produção artística de um país que deu à história dêste ramo da cultura, alguns dos génios mais fecundos e foi guia e mestre de outras escolas e correntes.

A arte italiana teve sempre particular aceitação em Portugal. Basta folhear as páginas eruditas do livro de Emílio Lavagnino, há pouco publicado, para se ver quanto, em determinadas épocas, a maneira de Itália, foi querida da gente portuguesa.

Antes da invasão do gôsto flamengo fala-se de António Florentim que pintava para a Côrte de D. João I. E artistas nossos, como Álvaro Pires de Évora, Luís de Portugal, Francisco de Holanda e tantos outros, demandavam a Itália, ou para estudar ou para ali exercer o seu ofício.

No reinado do Venturoso, apesar da aproximação com a Flandres por intermédio das nossas activas e prósperas feitorias, e a partir de D. João III, em que se intensificam as relações com a Itália, architectos, escultores, ourives, pintores italianos em Portugal e artistas portugueses na Itália mantêm constante e útil contacto. Mas é no reinado de D. João V que, em paralelo com a atracção que aqui, como em tôda a parte, exercia a arte francesa, a arte da Itália encontra neste país

quem mais a admire e a deseje. As encomendas do rei Magnânimo dotaram Portugal de obras preciosas, entre as quais destaco a do tesouro de São Roque, na Capital.

O Museu de Lisboa, rico, não no número de obras, mas na sua qualidade, guarda ufanamente alguns trabalhos de artistas italianos, havendo na escultura, na cerâmica, no mobiliário, na ourivesaria, na pintura, no desenho, na miniatura, excelentes exemplos demonstrativos de seus merecimentos.

Passemo-los em rápida revista.

Nas salas de exposição do andar térreo, que em breve vão ser transformadas para dar logar a outras destinadas às exposições temporárias, encontram-se as belas cerâmicas, entre as quais o mostruário precioso dos Della-Robbia que, no século XVI, vieram para decorar as sédes de algumas instituições religiosas, entre as quais a Igreja da Madre de Deus, fundação da nobilíssima rainha D. Leonor. Numa tábua do retábulo alusivo a Santa Auta, cujas relíquias o Imperador Maximiliano mandou à esposa de D. João II, vê-se, ao lado da porta do templo, a cerâmica representando a Virgem e o Menino, porventura das que ainda existem na colecção do Museu.

Podem admirar-se o formoso pórtico de sacrário, atribuído a Giovanni della Robbia, a cabeça de Condottieri, segundo um desenho de Leonardo da Vinci, existente na colecção do Museu Britânico, e o «Pelicano», da empresa de D. João II. Outras peças ainda existem nas salas do andar nobre e, entre elas, o escudo das quinas, que há pouco figurou na exposição dos Primitivos, emblema de Portugal e para Portugal fabricado por artistas italianos. Em seus socos figuram duas estátuas de barro — «A Virgem com o Menino» e «São Leonardo», inspiradas na Escola dos Gaggini.

Ainda na mesma sala, vê-se o excelente baixo-relêvo, com sua moldura robiana, representando «A Virgem com o Menino e São João», em que alguns críticos quiseram ousadamente ver a mão de Andrea Sansovino, e noutra sala, mais além, as duas peças raríssimas e preciosas da tentativa do fabrico da porcelana, sob o auspício dos Médicis — um jarro e uma bacia, tendo

esta pintado São João Evangelista olhando a Virgem, segundo uma gravura de Aldegrevier. Estes espécimes, que fizeram parte da colecção real portuguesa, vieram do Palácio Nacional da Ajuda. O Barão Davilier, no seu livro àcerca da «Origem da Porcelana na Europa», reproduz-os e comenta-os com os encómios que merecem.

Se eu disser que todas estas preciosas peças virão talvez a ter disposição que mais as valorize, não quero significar com isso que critico a instalação existente. Esta foi na sua época aceitável e todos sabemos que se deve ao esforço do Dr. José de Figueiredo, meu antecessor, meu amigo e meu mestre, as actuais obras de ampliação do Museu, findas as quais, elle, se fôsse vivo, melhor, de certo, do que eu, exporia, valorizando-as ao máximo, as obras que estão confiadas à minha guarda.

Faianças e porcelanas de Savona, Albissola, Génova, Capo di Monte, despertam o apetite de ter mais peças para melhor podermos mostrar ao público a excelência deste ramo das artes decorativas italianas.

Subamos a escada principal.

E, se repararmos nos dois grandes quadros que ornamentam as suas paredes — «A Comunhão de São Jerónimo», do Domenichino e «A Transfiguração de Cristo», de Rafael — copiados por António Manuel da Fonseca, professor de pintura histórica, da Escola de Belas Artes de Lisboa, que floresceu nos anos de 1796 a 1881, mais uma vez devemos acentuar como se mantinha o costume de irem pintores nossos ver e estudar as obras italianas, tal como pouco tempo antes o haviam feito vários artistas, entre os quais cito os Vieiras e depois Domingos António de Sequeira, que atingiu o lugar de Presidente da Academia de São Lucas, e em Roma morreu, homenageado, no ano de 1837.

Na sala central do piso nobre do velho palácio dos Condes de Alvôr, reuniu José de Figueiredo, com outras obras primas de produção flamenga, alemã e portuguesa, algumas peças importantes da pintura italiana. Ali se encontra representado,

antes e acima de todos, Rafael. A pequena predela «Eusébio resuscitando três mortos», do altar de Città di Castello, hoje disperso pela National Gallery, e pelas colecções de Lord Windsor e do Visconde de Monserrate, obra da sua mocidade — 1503 — em que prevalece a influência do Perugino, leva-nos a meditar no período em que o pintor floresceu, dos mais assombrosos e fecundos da história da arte.

Três continuadores de Leonardo representam este Mestre no Museu de Lisboa: Francesco Melzi, seu discípulo e amigo, autor da pintura tão vincesca, «Jesus segurando o símbolo da Trindade»; Bernardino Luini, com «Jesus a caminho do Calvário» e Giovanni António Boltraffio, mestre do delicioso quadro «A Virgem, o Menino e São João».

Um formoso retrato de Alexandre de Médicis, obra de Jacopo Carrucci de Pontormo; um auto-retrato, infelizmente muito danificado, do seu professor e rival Andrea del Sarto, são excelentes exemplos da arte do retrato neste período.

Do século XVII duas obras exemplificam o trabalho do vigoroso napolitano Luca Giordano, o Fa Presto, das quais menciono «A Visão de São Francisco de Assis» obra de excelente composição, que foi da colecção da rainha D. Carlota Joaquina ⁽¹⁾. Ao lado vê-se o «Esboceto para um teto do palácio Pecole de Bolonha», por Domenico Maria Canuti, discípulo notável de Guido Reni.

Se nos voltarmos para o último canto da sala onde se expõem ainda obras italianas, depara-se-nos, ao lado de um admirável esboceto, representando «Cristo descido da Cruz» em que se quiz ver a mão do Jacopo Robusti, o Tintoretto, mas que pelo Prof. Fiocco foi dado ao veneziano Giovanni Antonio Fumiani, a bonita cabeça de jovem, do pincel do retratista florentino

⁽¹⁾ A maior parte das pinturas italianas da colecção pertenceram à esposa de D. João VI, tendo-as o Estado adquirido em 1859. Outras, provenientes das colecções do Conde de Farrobo, do Conselheiro Husson da Câmara, etc., foram compradas, em 1866, pelas verbas concedidas pelo rei D. Fernando.

Francesco Bigi, o Franciabigio, bem como a agitada composição de Alexandre Magnasco, «Monges na floresta», que o Museu adquiriu há anos na venda da Coleção Ameal. Dêste Mestre, justificadamente rehabilitado, possui ainda o Museu um pequeno e delicioso esquiço «O poeta e o pássaro», rico de intenção e de côr, que figurará no próximo arranjo da Galeria.

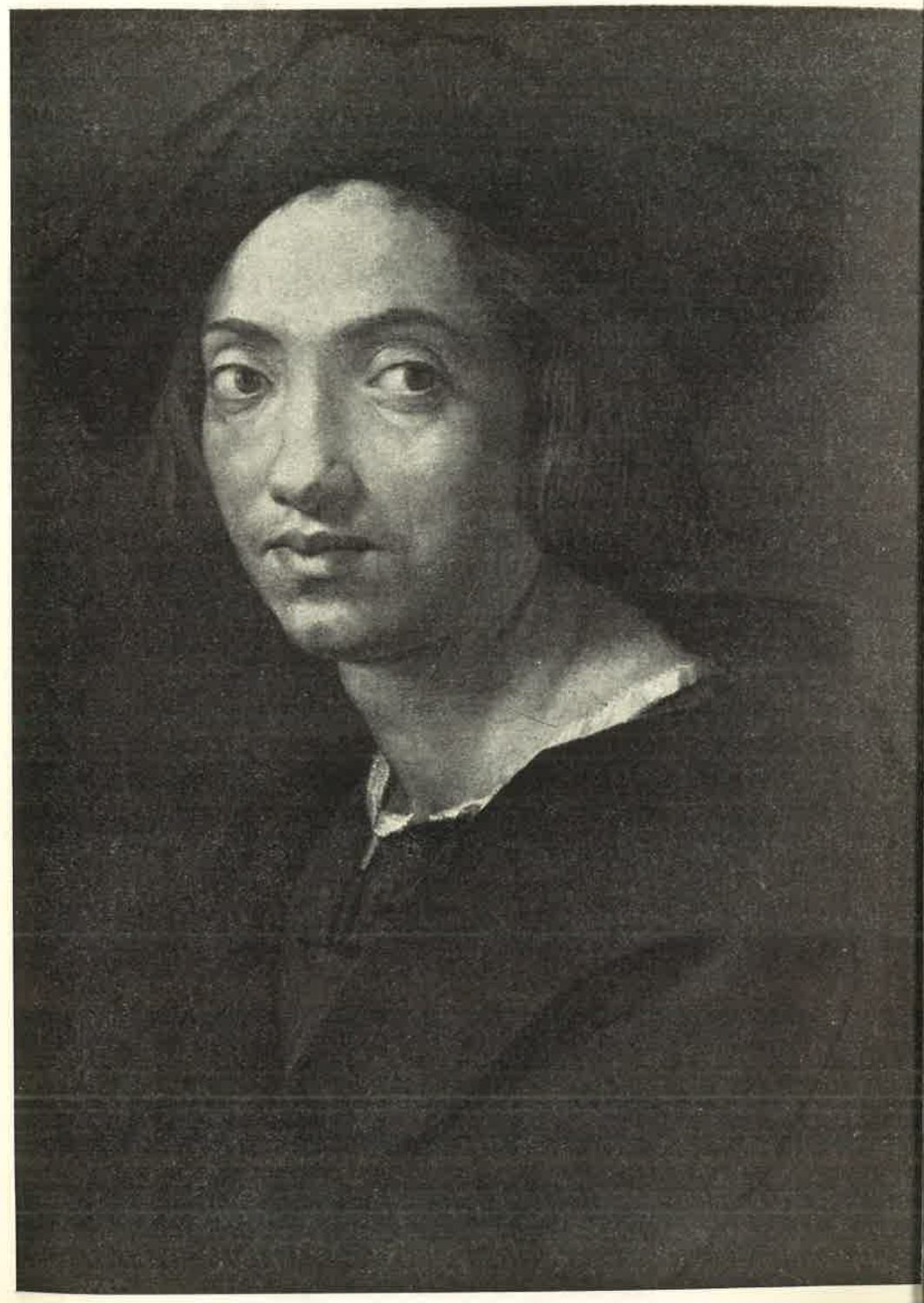
Do alongado período de três séculos — o duento, o trecento e o quatrocento — em que a pintura italiana floresce e irradia em obras da mais intensa e recolhida beleza; de todo êsse admirável caminho desbravado por geniais obreiros, que tiveram por precursores — Giotto, Duccio e seus parceiros — não há, por infelicidade, no Museu obras representativas. Na sala seguinte àquela a que há pouco nos referimos, dois pequenos retábulos sugerem longinquamente a maneira dêsses tempos. A tábua que representa as cenas — «O Calvário», «A Virgem e o Menino entre Santos e Santas» e «A Anunciação», foi atribuída, pela Dr.^a Paula della Pergola, a Giovanni da Milano e provém da Coleção Guerra Junqueiro. Em frente, outra de menor importância «A Virgem o Menino e Santos», adquiriu-a o Museu na venda da Coleção Burnay. Finalmente, um pequeno painel, não exposto, dádiva dos Amigos do Museu, delicada representação da «Virgem com o Menino», é exemplo representativo da maneira trecentista; e a frente de «cassone», tendo pintada uma batalha de Alexandre, constitui valioso espécime de uma arte que na Itália ocupou cultores exímios.

À margem dêste meu arrazoado, recorro as pinturas dos Serras, mestres trecentistas catalães, que mostrei pela primeira vez ao público, na última Exposição Temporária, e que são o exemplo da influência da arte primitiva da Itália no levante espanhol, influência tão nítida a ponto de Figueiredo haver existado em dar a um mestre catalão ou a um mestre italiano — o painel que representa «Santa Ana ensinando a Virgem a ler».

Tôdas as pinturas dos séculos XIV, XV e XVI, no novo plano de arranjo do Museu, se agruparão em uma sala, na qual podem ainda figurar alguns trabalhos arrecadados, como as tábuas atribuídas a João Baptista Cima da Conegliano, «Santa



RAFAEL SANZIO
RESUSCITANDO TRÊS MORTOS





OFICINA DOS DELLA ROBBI
FIGURA DE CONDOTTIERI, SEGUNDO UM DESENHO DE
LEONARDO DA VINCI
(Museu das Janelas Verdes)



FRENTE DE «CASSONE»
REPRESENTANDO UMA BATALHA DE ALEXANDRE
(Pintura italiana do século XV)



PEÇAS DA PORCELANA, CHAMADA «DOS MÉDICIS»
(Museu das Janelas Verdes)

Bárbara» e «Um Santo Bispo», adquiridas no leilão Burnay, e também o «Cristo descido da Cruz, entre a Virgem, São João e uma Santa Mulher», atribuído ao pincel de Sebastiano del Piombo, oferta, ao Museu, do Senhor Conde de Santar. Se houver representação justificativa, outra sala será destinada ao século XVII. Para tal, desde já se conta, além das obras do Fa Presto e de Canuti, acima referidas, com telas de Pietro Novelli, de Domenico Zampieri, de Andrea Vaccaro, de Carlo Dolci, de Guido Reni e de Carlo Maratta.

Mas o século XVIII terá, de certo, a sua sala privativa, tão notáveis são algumas das obras que o Museu possui, divulgadas pelo livro do Prof. Giuseppe Fiocco entre os públicos italiano e português.

Ao lado da tela representando «Ruínas de Roma Antiga», obra segura de Giovanni Paolo Pannini, já exposta na Galeria, mostrar-se-ão pinturas de rara qualidade como a «Mulher segurando um pichel» de Piazzetta e o esboceto magnífico de João Baptista Tiepolo, que o Dr. António Morassi pôde identificar como estudo para a obra pintada pelo Mestre, no ano de 1731, em um teto do palácio Arquinti, de Milão.

São das colecções do Museu, embora hoje expostas no palácio da Presidência do Conselho, as duas agradáveis pinturas — «Cenas de interiores» — atribuídas pelo Prof. Fiocco, que é proprietário dum estudo para uma delas, a Giuseppe Gambarini.

Quando se tratava da decoração da capela de São João Baptista, em São Roque, vieram de Itália para demonstração, duas telas que foram expostas antes da chegada dos mosaicos, e se guardam hoje no Museu — «A Anunciação», de Agostinho Masucci, discípulo de Carlo Maratti e um «Pentecoste», de Corrado Giaquinto, pintor que trabalhou, como se sabe, para o rei de Espanha, Fernando VI.

Chegamos, depois desta rápida visita ao século XIX em que a arte italiana está representada por um pintor, que passou alguns anos em Portugal (1803-1810) e deixou forte impressão da sua estadia — o veneziano Domenico Pellegrini. Da obra deste Mestre conta o Museu fazer, em breve, uma exposição

temporária, tantas e tão importantes são as pinturas que deixou no país, especialmente retratos de pessoas em evidência. Já estiveram expostos e, em breve, voltarão a sê-lo, os do Conde de Anadia, do pintor Domingos António de Sequeira e do rei D. João VI, que pertencem às nossas colecções. Ao lado destes retratos figurará a tela que adquirir, há poucas semanas, no leilão Pôrto-Côvo — «Venus, Adonis e Cupido» — obra amável, que será na Galeria diversão para os assuntos profanos e nota agradável de côr.

Como sucede frequentemente em tantos outros Museus, é na colecção de desenhos, que o nosso possui parte importante da representação artística da Itália.

E como não é fácil exhibi-los em salas, permanentemente destinadas a êsse fim, será em exposições temporárias que, por épocas, por escolas ou por artistas, o público dêles terá conhecimento.

Não há desenhos anteriores aos últimos anos do século XV. Dos mais antigos, um tem sido atribuído ao florentino Cosimo di Rosselli. Vêem a seguir Baccio Bandinelli; Pollidoro Caldara; Luca Cambiaso; Domenico Campagnola; Francesco Mazzoli, o Parmigianino; Giorgio Vasari; e para o fim do século, os Caraci; Girolamo Mazzola; Giacomo Palma; Bartolomeu Schidone e os Bassano.

Dêste período distingo, entre outros desenhos muito belos: o «Nascimento da Virgem» que, na opinião de Bernard Berenson, a meu pedido amavelmente transmitida ao Museu, é um estudo do Perugino para a predela do altar de Santa Maria Nova, em Fano; o «Apóstolo» que, também segundo o Berenson, é obra de Francesco Granacci, tirada do fresco representando a «Assunção da Virgem», que o Perugino pintou para a capela Sixtina e que foi destruído para dar lugar ao «Juízo final» de Miguel Ângelo; as «Paisagens» de Ticiano Vecellio, de técnica fácil e tão segura; ainda um formoso apontamento, a sangüínea «Mão amparando um seio», que andou atribuído ao Boltraffio; finalmente, dois desenhos que representam um o «Presépio», outro «A Natividade», magníficos apontamentos de Paolo

Cagliari, o Veronese, e do Correggio, tendo êste último figurado na exposição do artista, realizada em Parma, no ano de 1935.

Do século XVII, existem trabalhos de Piola, Grimaldi, João Benedicto Castiglione, Albani, José Maria Crespi, Andrea Locatelli, e tantos outros.

Do século XVIII, há na colecção alguns desenhos apreciáveis. Citaremos, ao lado dos de Benedetto Lotti, João Baptista Crosato, João Baptista Cipriani e Pompeo Batoni (que pintou quadros para a capela-mór da Sé de Évora e para a Igreja da Estrêla, de Lisboa), — a «Alegoria às Artes», de João Baptista Tiepolo; o desenho formosíssimo e de rara qualidade, «Vista do Grande Canal», por Guardi, com cuja menção termina o estudo de Giuseppe Fiocco, afirmando — «Tutto il migliore Settecento Veneziano è così presente in Portogallo».

Aponto também uma série de desenhos, do artista gravador Francesco Bartolozzi, merecedores de uma exposição temporária, na qual figurem igualmente algumas das suas gravuras. Deixo para o fim a referência à colecção de desenhos dos Bibiena, núcleo de capital importância para o estudo da cenografia italiana setecentista e do primeiro teatro da ópera em Portugal, construído segundo projecto de Giovanni Carlo Sicinio Galli da Bibiena.

À semelhança do que vai suceder com as obras de Domenico Pellegrini e de Francesco Bartolozzi, conta o Museu das Janelas Verdes realizar, em breve, uma exposição da obra dos Bibiena, da qual se publicará um catálogo com a reprodução de todas as espécies que compõem o valioso núcleo.

A linda miniatura de Ferdinando Quaglia, que há pouco tive a satisfação de adquirir para o Museu, algumas peças de ourivesaria, entre as quais um cális com punção romano e o belo cofre proveniente dos Jerónimos; um ou outro móvel com embutidos de marfim, trabalhos de «intarsiatura» em mármore, completam o conjunto precioso.

Com esta resenha, não se pretendeu outra coisa senão dar um panorama da riqueza do Museu de Lisboa em matéria de

arte italiana. Outra vez, ou outras vezes, se tratarão os assuntos em pormenor.

Há, entretanto, vantagem de aproveitar este momento para dizer que, dentro de pouco tempo, a exposição das obras será remodelada e que o Museu se empenha em a valorizar tanto quanto fôr possível, na medida da nossa boa vontade e da nossa competência. Essa valorização será completada por exposições de outras obras existentes em Portugal, sendo de esperar, que, durante o tempo em que se mantiveram abertas, o Instituto de Cultura Italiana, de acôrdo com a Direcção do Museu, promoverá conferências e palestras, realizadas por técnicos especializados italianos ou portugueses.

Por outro lado, aproveitando as novas salas que vamos destinar a exposições temporárias, e atendendo à falta de obras de arte que permitam conhecer e estabelecer juízos àcerca de certos mestres, dos períodos em que floresceram, das escolas a que deram origem, das influências que resultaram, conviria que o Governo Italiano, tão depressa a Europa se liberte dos duros trabalhos e preocupações da guerra, tomasse a iniciativa de promover a vinda a Portugal de núcleos de obras, representativas das várias correntes da sua arte, de forma a apresentarem-se conjuntos que sirvam de regalo para os amadores e dêem ensinamentos aos estudiosos.

Assim se contribuirá, com o desenvolvimento de actividades tão meritórias, para a maior expansão «del genio italiano all'estero».

JOÃO COUTO

Director do Museu Nacional de Arte Antiga

Nota final — A propósito do retrato num medalhão Della Robbia, transcrevo a opinião do Sr. Leone C. Planiscig, recebida por intermédio do Dr. Emile Delmar, já depois de composto este artigo: «O relevo do guerreiro representa Dario e é o «pendant» d'outro Della Robbia, existente, na Colecção Estense (em Viena), com o retrato de Alexandre. Ambos foram executados segundo composições de Verrocchio, mandadas por este Mestre a Matias Corvin (rei da Hungria).»